

MATRACA

ANNO V.
POR MEZ 5000. N.º 30
PERIODICO CRITICO

HOMENAGEM A VICTOR HUGO



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

POR MZ. 500 RS.
 FÓRA DA CAPITAL 600

Os autographos que nos forem remittidos não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

PAGAMENTO ADIANTADO

Endereçar toda correspondencia à rua do João Pinto n. 32 convenientemente legalisada.

A MATRACA

A APOTHEOSE DE VICTOR HUGO

Duvido muito que a posteridade, incorruptivel e imparcial, dê a Hugo o invejado cognome de rei do seculo decimo nono. Duvido muito que este seculo se chame o seculo de Victor Hugo. O que é verdade é que Hugo é a mais celebre encarnação da França nestes 80 annos.

Quando a França, depois da tormenta revolucionaria e da corrida sangrenta do primeiro Napoleão, cultivou as lizes dos Bourbons, Victor Hugo foi partidario do realismo, encareceu as glórias da velha dynastia franceza, e saudou, commovido, ao berço dessa régia criança, que é hoje em dia o pretendente Henrique V.

Cahiram os Bourbons em 1830, e subiram ao throno os Orleans. Victor Hugo immediatamente mudou as cordas da lyra, e foi sentar-se na camara dos pares, prestando juramento ao rei cidadão Luiz Philippe.

O governo dos Orleans, porém, teve a insigne inhabilidade de prohibir a representação do «Roi s'amuse», peça de Victor Hugo, e este, no dia seguinte, despertou bonapartista.

A proclamação da republica em 1848 não lhe tirou a venda dos olhos. Enquanto Affonso de Lamartine, á frente da republica, tratava de consolidá-la, e arrancava das mãos da plebe a ignobil bandeira vermelha — trapo de bandeira, tingido no mais puro sangue da nação —, Hugo endiosava as idéas bonapartistas, defendia ao principe Luiz, votava pela degolação da Republica Romana, proferia discursos reaccionarios, e pugnava pela candidatura daquelle que devia chamar-se mais tarde Napoleão III.

Com effeito, Luiz Bonaparte foi eleito, e, uma noite de Dezembro, desflorou a virginal republica que lhe tinham dado a guardar. Luiz Bonaparte fez ainda mais; não curou da opposição de Victor Hugo. Mandou agarrar na cama a Thiers e aos outros opposicionistas perigosos; mas a Victor Hugo não fez mal nenhum. Como este sahisse de casa, encontrou-se com uma quadrilha de esbirros de Bonaparte. — «Ah! exclamou Victor Hugo, vundes para prender-me, miravéis!» — «Não, senhor, retorquiu o chefe dos polícias, só temos ordem para prender gente séria!»

«Seguim chistoso e atrevido que lavrou a parte. Victor Hugo partio para o amor proprio ferido, como os seus eternos pasquins, Napoleão e Pequeno e Os

Castigos. Não ha pagina de Juvenal, não ha doesto de Aristophanes que possam correr parellas com essas paginas dictadas pela Nemesis impiedosa.

A linguagem humana possui adoraveis e deletosos euphemismos para caracterisar taes mudanças. Dá-lhes o nome de evoluções. A essas transformações os nossos avós chamavam redondamente, apostasias.

Victor Hugo apostatou de todas as antigas crenças.

Mas nem por isso desceu.

Os livres pensadores lhe exprobram o seu espiritualismo. Os catholicos perguntam-lhe o que fez da ingenua fé dos verdes annos. Os legitimistas exprobram-lhe o ter convertido as brancas açucenas em flôres vermelhas. Bradam-lhe os orleanistas o epitheto de ingrato, os bonapartistas odeiam ao renegado. Todos lhe poem alguma pecha. Porém, todos saudam o seu engenho, que é o mesmo engenho do nesse seculo voluvel e inconstante. O povo, esse, é que tem razão de o amar, porque Victor Hugo, esse Grande sempre lhe lambeu os pés.

F. N.

Pariz—1882.

A VOZ DO POVO

Como um raio cahido n'um «para-raios», cahimos nas mãos «A voz do povo».

Abrimol-o, estedemol-o sobre a nossa meza de trabalho e começamol o a ler pelo seu labaro até a celebre declaração do Sr. José de Aranje Coutinho seu redactor principal, que unicamente se responsabilisa pelos artigos ineditoriaes e não pelos dos «a pedidos».

Achamos bastante chistosa a declaração do novo órgão e lembramo-nos logo do Calino e do bacharel da côrte.

Eufim, um erro, uma falta, um equivoco, um engano quem ha, por ahi, que o não pratique?

E' claro que todos teem os seus tropeços.

Feita pois a leitura, passamos os exame:

Faltava-nos uma caixa com instrumentos cirurgicos, armamo-nos porem com uma pena de aço e fizemo-lhe autopsia.

Reconhecemos logo, que a pena lhe rasgou as carnes, ter sido atacada «a voz do povo», de uma molestia, estranha, a que um nosso coliega denominou — «sem idéa».

Bem exquisito nome! mas na tanta exquisitice por ahi, algures, que não é demais, apparecer mais esta.

«A voz do povo» não sabe si é republicana, conservadora ou liberal ou si é liberal, conservadora ou republicana.

São cousas.

Ha tanta criança que chora com dor de barriga e aponta para as pernas, quando lhe perguntam onde lhe dóe, que não é tambem demais, que o illustre coliega aponta para a cabeça quando lhe doem os callos.

Proseguindo na autopsia deparamos mais, com a fórma porque estavam dispostos os bofes, tripas etc. etc.; notamos que «a voz do povo» tinha d'entro da bexiga dois sapinhos — um que dizia sim, outro que dizia não.

Nova confusão, para nós, que não achando nome de molestia, com taes sumptomas, classificamol-a, pois como— fórma de governo, ou governo de sapos d'entro da bexiga

Passamos a analysar a callote—craneana, e achamol-a sem miolo; e sendo o miolo, direito de propriedade da callote, admiramos-nos de que ahi não estivesse deitado, sentado, recostado, mesmo em pé ou de bruços, agachado, emfim de qualquer maneira

Em vista d'isto ficamos n'uma colizão terrivel, sem saber qual o nome com que deveriamos distinguir esta parte da autopsia, demos-lhe entretanto o titulo de elemento servil.

Isto feito embarcamos na estrada de ferro Pedro I, tocamos na estação do «noticiario» e de punho fechado para o monarcha do Brazil, passamo-nos com toda a nossa raça, presente, passado e fuctura, com gatos e cachoros, para a provincia do Rio Grande do Sul.

Nós não temos politica, mas saudamos «a voz do povo», embora chôcho, palido, triste, pifio, ptisico, —com um bravo!

FALTA D'AGUA NO INSTITUTO NORMAL

Consta-nos o seguinte:

Os alumnos do Instituto estão prohibido de beber agua no estabelecimento, onde estudam!

Ali, onde se aprende, ou não se aprende, o necessario para se não ser ignorante, habitua-se tambem o alumno a não beber agua!

Quem governa aquillo, lá no Lyceu, tem certamente tem «barriga d'agua» e d'ahi o motivo de negar-se agua aos estudantes.

D'esta nova descoberta não sabemos nós.

×

Completo seis mezes de existenciã, o Moleque.
—Eia! venha, de lá, esse abraço, que é nosso.
E que outros muitos seis mezes conte o collega com felicidades e.... nichéis.

Não Partas

(V. HUGO)

Eu vivo do que respiras;
E como, dize-me agora,
Fizar se tu te retiras,
Viver si te vaes embora?

Que me serve ser a sombra
De um anjo, que surge e passa?
Ou de um céu, que o lucto assombra,
A noite pesada e baça?

Eu sou a flôr das muralhas,
De que abril é o só viver;
Basta que tu me não valhas,
Que partas, para eu morrer.

Em ver-te, puz meu cuidado;
Toda a luz de ti me vem
Si ficas, fico a teu lado;
Si partes, parto tambem.

Si partes, rói-me a tristesa;
E aos céos,—ao ninho medrosa,
Vôa, minha alma—ave presa
Nos teus dedos cor de rosa.

No tédio negro da ausencia,
Triste de mim! que serei!
—E' tua ou minha a existencia
Que se desfaz?—Não n'ô sei.

Quando me falta a coragem,
Eu bebo-a no teu affugo,
Bem como a pomba selvagem,
Nas aguas puras de um lago.

O amor ás almas ensina
Como o universo é bemdito,
E esta chamma pequenina
Inunda todo o infinito.

Sem ti, a vida é a morte;
O mundo carcere fechado,
Onde vago a lei da sorte
Sem amar, sem ser amado.

Morna tristesa funesta,
Tudo desfolha; meu cilio
Se enche de sombra; uma festa
E' uma campã; a patria exilio.

Eu te imploro e te reclamo,
Oh! pomba, que de minha alma
Entoas de ramo em ramo
Hymno que as dores me acalma!

Que desejo me convida,
Que posso temer?—emfim,
Que farei da propria vida,
Si já não estás junto a mim?

E's tu que levas no vôo,
Aos céos dos campos em flôr,
N'uma aza as poresces que entôo,
N'outra meus hymnos de amor.

Aos tristes campos que vêla
O lucto de intima dôr,
Que hei de contar? que da estrella
Farei?—que farei da flôr?

Que direi á selva umbrosa?
—E á triste flôr que amanhã
Interrogar-me chorosa:
—Onde se foi minha irmã?

Morrerei, parte, si o ousas!
Dias volvidos, porque
Olhar todas essas coisas,
Que seu olhar já não vê?

E que me importam destino,
Virtude, e lyra sonora?
E sem teu riso divino,
Que me importam o rir da aurora?

Que farei, sem mais desejos,
Sem ti, sem luz, e sem cantos,
Sem teus labios,—e meus beijos
Sem teus olhos,—de meus prantos?

T. DIAS.

TYP. E LITHOGRAFIA

MUTILADO



Estamos atravessando uma quadra de furor jornalístico.
Uns nascem gritando horivelmente; outros piam docemente!
Mas, quando o gôgo der n'um d'elles, vai tudo raso.
...-aros tudo é muito ou nada.

MUTILADO